

**I Seminário de Ciências Sociais - PGCS UFES. 10 a 12 de agosto de 2016, UFES,
Vitória-ES**

Dinâmica de sociabilidade e conflitos violentos entre jovens

Daniela Cristina Neves de Oliveira.
Mestranda em Ciências Sociais, UFES.
Bolsista pela CAPES.

Introdução

Em 2014 o Brasil registrou um número expressivo de homicídios absolutos – 59.627 e uma taxa de 29.1 homicídios por 100 mil habitantes (Cerqueira et al., 2016). De acordo com o **Atlas da Violência 2016**, adolescentes e jovens (15 a 29 anos) constituem o grupo da população mais vitimado pelos homicídios. Nesse sentido, é o segmento mais exposto às situações violentas, ora como vítimas e ora como perpetradores de práticas violentas (Adorno et al., 1999). Tendo em mente essas ideias, o presente trabalho pretende discutir os conflitos violentos *entre* jovens os quais, no limite, podem ser letais. Todo homicídio oculta um conflito, mas nem todo conflito termina em homicídio. Portanto, elaboramos a seguinte questão: por que a dinâmica de sociabilidade tecida por adolescentes e jovens, no contexto estudado¹, favorece a emergência de conflitos violentos potencialmente letais?

O estudo se propõe a analisar a dinâmica de sociabilidade juvenil, a qual, pressupomos, tem favorecido a emergência de conflitos potencialmente letais no contexto estudado. Dito de outra maneira: pretendemos explicar 1) os conflitos violentos entre jovens; relacionamos tal fenômeno com 2) a dinâmica de sociabilidade e estabelecemos uma relação causal (no sentido amplo) entre os dois elementos mencionados.

Se os estudos sobre a violência urbana no Brasil têm apontado a falsa associação entre pobreza e violência (Misse, 1999) e, adicionalmente, levando em consideração a melhora geral da condição de vida da população brasileira na primeira

¹ Bairros populares do município de Vitória. Sujeitos pesquisados: adolescentes e jovens entre 15 e 25 anos.

década do novo milênio (Sapori, 2012), porém, a despeito disso, prevalece um alto índice de homicídios, logo o nosso olhar investigativo é direcionado para outros aspectos do social.

Tencionamos lançar luz sobre as dimensões culturais das interações, as concepções morais e demais *sentidos* que balizam a sociabilidade juvenil, principalmente no que se refere a dois pontos: os conflitos violentos interpessoais e o papel do processo de sujeição criminal na tomada de decisões por cursos de ação considerados criminosos.

Justificativa

A pesquisa pretende contribuir para o conhecimento empírico sobre os conflitos violentos entre jovens e a dinâmica de sociabilidade estabelecida, de onde tais conflitos emergem parcialmente. Dessa forma, o trabalho busca ainda servir como base teórico-científica para a proposição de políticas públicas voltadas para a mediação dos conflitos entre adolescentes e jovens no Espírito Santo, por intermédio do desenvolvimento de uma cultura que valoriza o diálogo em detrimento da violência física.

Sendo, em princípio, o direito à vida o mais importante na sociedade, portanto um valor moral defendido por essa sociedade, e, ao mesmo tempo, constatando que tal direito se encontra desigualmente distribuído, exploramos o motivo desse aparente descompasso: o valor máximo defendido pela sociedade abrangente e a não concretização desse direito entre o segmento adolescente e jovem da população brasileira, principalmente os afrodescendentes e os das camadas mais pauperizadas (Cerqueira et al., 2016). A investigação pretende ultrapassar o viés econômico ao focar a dinâmica de sociabilidade juvenil, os significados culturais e as reações morais relacionadas aos conflitos violentos. Ademais, o estudo não parte da perspectiva reducionista que explica a mortalidade violenta entre os jovens em função apenas de conflitos ocasionados pelos mercados de drogas ilícitas.

Objetivo geral

Explicar por que as dinâmicas de sociabilidade tecidas por adolescentes e jovens favorece a emergência dos conflitos juvenis potencialmente letais.

Objetivos específicos

- 1) Identificar os aspectos culturais subjacentes aos conflitos.
- 2) Avaliar as interações de grupos de adolescentes e jovens baseados em identidades comuns - bairros, preferências musicais, hábitos de lazer, por exemplo.
- 4) Examinar a constituição de identidades a partir do conceito de sujeição criminal (Misse, 1999).
- 7) Descrever quais são os eventos e os mecanismos principais que acionam os conflitos interpessoais e as concepções morais aí entrelaçadas.

Metodologia

O estudo do sentido da ação não se reduz a uma descrição das ações dos sujeitos e dos fenômenos observáveis, ou seja, não se reduz ao “vivido” dos atores ou ao senso comum, mas também não é uma ficção sociológica. A ação é interpretada de maneira simultânea pelo pesquisador e pelos sujeitos da pesquisa (Deslauries e Kérsti, 2008). A pesquisa, por meio da metodologia qualitativa, permitirá uma compreensão mais aproximada do fenômeno social da violência entre jovens, tendo no horizonte que o sentido atribuído pelos atores às suas ações importam, pois será expresso em práticas no mundo social.

Utilizaremos as técnicas de investigação qualitativa do grupo focal e do relato de vida². Serão realizados dois grupos de enfoque, o primeiro composto por adolescentes do sexo masculino que estão cumprindo medida socioeducativa no Instituto de Atendimento Socioeducativo do Espírito Santo em função de conflitos violentos envolvendo outros jovens. O segundo grupo será composto por jovens, homens e mulheres, com idades entre 15 e 25 anos, moradores de bairros populares do município de Vitória. Segundo o Estatuto da Juventude (Lei nº 12.852, de 05 de agosto de 2013) jovem é a pessoa com idade entre 15 e 29 anos, porém, para os fins dessa pesquisa,

2 O conceito de relato de vida mencionado foi introduzido na França por Daniel Bertaux em meados da década de 1970, com o objetivo de propor uma concepção metodológica alternativa à história de vida. Constitui em um tipo de entrevista narrativa em que o pesquisador solicita ao entrevistado que relate a totalidade ou uma parte de sua experiência vivida; diferente da história de vida, pois se ocupa apenas de um ou mais fragmentos da experiência vivida (Pimenta, 2007).

enfocaremos a faixa etária de 15 a 25 anos para garantir a proximidade geracional e, por conseguinte, o compartilhamento de experiências. Segundo Cerqueira et al. (2016) o pico dos homicídios acontece aos 21 anos de idade.

Na segunda etapa da pesquisa recolheremos os relatos de vida de cinco participantes dos grupos focais, a fim de reconstruir a experiência dos sujeitos nos conflitos interpessoais.

Referências Bibliográficas

ADORNO, Sérgio; BORDINI, Eliane e LIMA, Renato Sérgio de. *O adolescente e as mudanças na criminalidade urbana*. São Paulo em Perspectiva, Vol. 13, no 4, pp. 62-74, 1999.

CERQUEIRA, Daniel et. al. *Atlas da Violência 2016*. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada e Fórum Brasileiro de Segurança Pública. 2016.

DESLAURIERS, Jean-Pierre; KÉRISIT, Michele. *O delineamento da pesquisa qualitativa*. In: Poupart, J. et al. *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Petrópolis: Vozes, p. 127-153, 2008.

MISSE, Michel. *Malandros, marginais e vagabundos e a acumulação social da violência no Rio de Janeiro*. Tese de Doutorado em Sociologia, IUPERJ, Rio de Janeiro, 1999.

PIMENTA, Melissa de Mattos. *Ser jovem e ser adulto: identidades, representações e trajetórias*. Tese de Doutorado em Sociologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 2007.

SAPORI, Luis Flavio. *Avanço no socioeconômico, retrocesso na segurança pública: paradoxo brasileiro?* Desigualdade & Diversidade – Revista de Ciências Sociais da PUC-Rio, no 11, ago/dez, p. 133-158, 2012.